



O DIVERTIMENTO COMO ALIENAÇÃO DE SI NO PENSAMENTO DE BLAISE PASCAL

THE HAVING FUN AS ALIENATION OF THE SUBJECT IN THE

THINKING OF BLAISE PASCAL

Edney Menezes Nogueira[1]

Patrícia Batista dos Santos[2]

RESUMO

O conceito de Divertimento em Blaise Pascal não se trata simplesmente de uma análise das atividades lúdicas do homem, mas sim, de uma análise profunda a respeito da constante fuga do homem de si mesmo, quando este se depara diante do espelho da própria existência e não suporta escutar o eco gritante de suas misérias. Não se pode pretender entender Pascal prescindindo do contexto do racionalismo moderno, principalmente o racionalismo cartesiano que, com seu método indutivo da análise das idéias claras e distintas, pretendia fundar o conhecimento sob o terreno seguro do cogito. É neste contexto de extremo otimismo na razão humana que encontramos Pascal, com sua voz quase que profética, alertando o homem para o grave risco de uma excessiva confiança na razão. Ele condenará, principalmente, a pretensão cartesiana de querer conhecer a Deus e ao homem pela via racional. Ele propõe uma outra via que, além da razão, possa colher o homem em sua existência sem dissecá-lo como a um cadáver, levando em contas seus sentimentos, emoções, misérias etc. Proporá então a via do 'coração' que podemos também chamá-la de via intuitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Pascal, Filosofia, Divertimento

ABSTRACT

The concept of Having Fun in Blaise Pascal is not simply an analysis of play activities of man, but of a deep analysis about the incessant escape of man from himself when man is faced with his own existence and does not support their miseries. Pascal cannot be understood from the context of modern rationalism, mainly the Cartesian rationalism, with its inductive method of analysis of clear and distinct ideas, which set out to establish knowledge under the secure grounds of the cogito. It is in this context of extreme optimism in human reason that we find Pascal, with his voice almost prophetic, alerting the man to the serious risk in excessive confidence in reason. He condemns principally the pretense of Descartes in wanting to know God and the man by the rational way. He proposes another way that seeks to understand the man from your feelings, emotions, and miseries. He proposes the path of the "heart" that we can also call "intuitive form".

KEYWORDS: Pascal, Philosophy, Having Fun.

1- CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes mesmo de qualquer afirmação é necessário salientar que Pascal não faz um tratado sobre a atividade lúdica do homem nem a crítica como atividade banal. Pascal fala do divertimento no sentido próprio da palavra, a saber, DE-VERTERE, ou seja, desviar, girar para outra parte, tirar a atenção. De forma que, o divertimento no pensamento do nosso autor não se refere apenas a atividade lúdica, mas engloba todas as outras atividades do homem que tem por função desviar sua atenção de si mesmo. Neste caso, o lazer, o trabalho, a política, o esporte pode constituir uma ocasião de refúgio para o homem. Mas também, podemos falar dentro do conceito pascaliano de divertimento, de outras realidades que tira a atenção do homem perante seus problemas existenciais. E aqui nos referimos ao álcool, às drogas, o sexo, etc. Tudo aquilo que serve como diversivo para o homem constituindo ocasião de refúgio perante sua existência, pode ser considerado dentro do conceito de divertimento no pensamento de Pascal.

Segundo Pascal a pessoa humana, enjoada de sua condição miserável, não podendo superar seu estado de carência, busca no divertimento uma fuga. De fato dirá ele: “nada é tão insuportável para o homem que estar em completo repouso (...) sentirá logo o seu próprio nada (...). Súbito verá brotar do seu íntimo o enjôo (...) o desespero” (PASCAL, 2000, p. 120).

O divertimento em suas várias formas, segundo Pascal, encontra sua raiz mais profunda na própria condição miserável da natureza humana. Uma condição que se fosse por si mesma suportável, faria com que o homem amasse muito mais o repouso, a tranqüilidade que o tumulto. E, todavia, observa Pascal, *não por loucura*, mas por um mau profundo o homem se afadiga de coisa em coisa. Existe no homem um instinto secreto que o leva a procurar fora de si, a saber, no divertimento, uma satisfação. Tal instinto provém da contínua experiência de miséria que o homem faz no dia a dia de sua existência. “Tal é o princípio (...) do divertimento, que brota da consideração da própria condição e busca de todos os modos em distrair-se dela mediante as ocupações da vida quotidiana” (ABBAGNANO, 2003, p. 272).

O homem não suporta olhar face a face para si mesmo, sem provar a angústia de sua própria condição. “A deficiência de sua natureza o faz indigente; a necessidade lhe dá inquietação; e esta o leva a buscar compensações” (SCIACCA, 1989, p. 130). No entanto, uma vez que a necessidade é saciada, a inquietação, natural de seu próprio ser, volta a acusar novas necessidades, pois, o vazio continua. “Os homens buscam o prazer e o divertimento, desviam o seu olhar, evadem-se, para não pensarem em sua condição de miséria, ao vazio do coração, que nada pode preencher” (SCIACCA, 1989, p. 185).

É para fugir do próprio vazio, afirma Pascal, que o homem constantemente busca divertir-se. É uma forma de fugir do enjôo que nasce de sua própria condição. A diversão é a fuga diante da visão lúcida e consciente da miséria humana.

Eis tudo aquilo que o homem pode inventar para ser feliz. E aqueles que se crêem filósofos e pensam que as pessoas sejam tolas porque passam o dia inteiro correndo atrás de uma lebre que, se comprada não queriam, não conhecem a nossa natureza. Aquela lebre não desvia o nosso olhar do pensamento da morte nem de nossas misérias, mas a caça nos distrai (PASCAL, 2000, p. 124).

De fato, é muito doloroso para o homem pensar a si mesmo e andar em profundidade no seu próprio “Eu”, descobrir-se em uma condição de miséria existencial sem uma perspectiva de superação, isto o levaria ao desespero. Eis o porque do enjôo, a saber, não haver uma via de saída para superar a própria miséria. Portanto, é muito mais fácil fugir deste problema e esconder-se no divertimento, este embriaga o coração humano de uma alegria momentânea, distraindo a atenção do homem de si mesmo, alienando-o de seu estado, de seus problemas, de sua condição.

Disto deriva que os jogos (...) os altos cargos sejam tão desejados. Não é que neles

se encontrem a verdadeira felicidade, nem se imagina que a verdadeira alegria esteja no dinheiro que se possa ganhar no jogo, ou na lebre perseguida (...) mas é a agitação que desvia a nossa atenção de pensar-nos, e nos diverte (PASCAL, 2000, p. 122).

O homem acredita poder esconder-se detrás do prazer e assim não ter que encarar a própria realidade de sua mísera existência efêmera, tão frágil, tão fútil que acredita encontrar refúgio correndo de distração em distração. "Em vão o homem busca encontrar conforto fora dele: a questão essencial não é aquela satisfação das necessidades (...) mas de sua permanente e constitucional infelicidade" (SCIACCA, 1989, p. 186).

Eis o coração da questão, a saber, não se trata de um simples desejo ou uma simples necessidade de satisfação ou ainda uma vaidade qualquer o fato de que o homem está sempre em busca da distração, mas o motivo é, segundo o nosso autor, um mau muito mais profundo e que se esconde no mais íntimo do ser do homem. Estamos falando da indigência natural da pessoa humana. É a própria miséria da condição humana que fundamenta esse *êxodo*, essa fuga desesperada em direção ao externo de si. "A miséria da vida humana deu fundamento a tudo isto: diante de sua visão, os homens buscaram o divertimento" (PASCAL, 2000, p. 134).

De tal miséria todo homem é participante. Nem a glória de uma coroa, nem a riqueza, nem os títulos de honra, são capazes de tirar o homem de seu estado de indigência. O divertimento é a fuga, o medo do vazio que circunda a vida humana. "Como é vazio e cheio de sujeiras o coração do homem!" (PASCAL, 2000, p. 132).

Hoje os reis já não existem mais como outrora; a caça a uma simples lebre deu lugar a tantas outras formas de divertimento. Os combates de então se transformaram em grandes e verdadeiras competições esportivas, o teatro evoluiu e hoje temos a grande "*máquina*" cinematográfica. De uma simples *pascalina* passamos a monstruosa era da informática. Dos bailes nos salões da corte, hoje temos as grandes festas de ruas. Do culto à beleza, passamos a uma extrema valorização do efêmero; em fim, o homem que Pascal tinha diante de seus olhos vivia em um mundo totalmente diferente do nosso atual. Muitas coisas foram conquistadas, outras destruídas; muito se descobriu, e muito se esqueceu. Novos valores se criaram, as bases da sociedade mudaram transformando a própria estrutura social. As revoluções políticas, sociais, científicas, em fim, o mundo e sua estrutura mudou. No entanto o homem continua o mesmo em sua natureza. Tudo o que foi inventado, construído, descoberto, mesmo mudando a forma de vida do homem, não mudou, todavia o próprio homem. Se Pascal vivesse nos dias atuais, certamente, que sua linguagem seria diferente, os termos seriam outros, porém sua análise do homem seria a mesma. Pois o mesmo vazio que ele denunciou existir no coração do homem de então, permanece, não obstante tudo, sem ser preenchido. A mesma miséria, a mesma indigência, a mesma inquietude continua sendo o maior pesadelo do homem. Este continua enjoado, nauseado de sua própria existência, inquieto e ansioso.

a)O PENSAMENTO E A AUTO-CONSCIÊNCIA

Pascal não duvidava da capacidade racional do homem, ao contrário, afirmava de não poder conceber um homem sem pensamento, "eu não posso conceber um homem sem pensamento, seria uma pedra ou uma coisa bruta" (PASCAL, 2000, p. 150). No entanto duvidava de um pensamento, de um sistema, de uma construção racional, que fosse capaz de conhecer o tudo, inclusive o próprio homem. O nosso autor se opõe à *forma geométrica* de se interpretar o fenômeno humano. Este se colhe ao interno da dinâmica da própria subjetividade, a saber, com o "*coração*". O coração como vimos, abre ao homem a porta a uma realidade da qual a razão não é capaz de explorar, a saber, a realidade espiritual e os princípios morais.

A antropologia pascaliana, longe de haver uma prospectiva geométrica, parte de uma autoconsciência. O homem, antes de devagar no cosmo, deve *conhecer a si mesmo*, entrando em sua interioridade, perscrutando o seu ser mais íntimo. De fato ele dirá:

O homem é visivelmente feito para pensar; nisto consiste toda sua dignidade e todo o seu mérito; e todo o seu dever consiste em pensar corretamente. Ora, a ordem do pensamento é de começar por si, e pelo seu autor e sua finalidade (PASCAL, 2000, p. 134).

Pensamento, segundo o nosso autor, é antes de tudo, autoconsciência. O primeiro objeto do pensamento é o próprio sujeito pensante. Na consciência de si reside a dignidade do homem. Descobrir-se sujeito pensante é descobrir-se não somente existente, mas acima de tudo, consciente de si e, portanto, de seu estado existencial. Não basta dizer: "*penso logo existo*"[1], mas é preciso conhecer este ser existente dentre os limites da própria existência, e tal conhecimento não nos dá a razão geométrica das "*idéias claras e distintas*", pois o fenômeno humano é um mistério que se desvenda não no cálculo, e sim na interioridade, na subjetividade do ser. "O homem ultrapassa infinitamente o homem" (PASCAL, 2000, p. 238), afirma Pascal.

A exemplo de Cartesio, o nosso autor coloca ao centro da existência humana o pensamento, no entanto, enquanto para Cartesio se tratava de razão lógica – matemática, para Pascal se tratava da dinâmica própria do ser do homem, a saber, o "*coração*".

O cogito de Cartesio é como um antecedente teórico que faz Pascal recolocar no homem a sua essência, a saber, o pensamento. Mas enquanto para Cartesio o cogito é o complexo das idéias claras e distintas e se identifica com a razão matemática, o pensamento para Pascal é o complexo das atividades do homem, da qual a razão é apenas um aspecto (SCIACCA, 1989, p. 112).

O pensamento como autoconsciência leva o homem a interrogar-se antes de tudo, de seu estado existencial, portanto, de seu agir no mundo. O homem presente a si mesmo, consciente de seus limites e de suas incapacidades; capaz de identificar seu lugar no cosmo e de dar um significado a sua existência; de interrogar-se sobre sua origem e projeta-se em um fim.

Segundo Pascal "o pensamento faz a grandeza do homem" (PASCAL, 2000, p. 150). Mas não se trata do pensamento que constitui as ciências, e sim, aquele que torna o homem consciente do próprio estado de miséria e o faz aberto ao transcendente, colocando-o diante de Deus. "O homem possui um dom admirável, o pensamento, que o eleva acima de todas as coisas, porque o faz desejoso de Deus" (SCIACCA, 1989, p. 103).

"Desde que o homem é homem, ele está condenado à racionalidade, pois a racionalidade pertence a sua própria essência" (RABUSKE, 2008, 87). Porém, em termos pascalianos, essa essência se realiza de fato em plenitude quando essa capacidade racional se transforma em auto-interrogação. A "*magna quaestio*" do homem é aquela que contempla o "*EU*" não apenas como sujeito interrogante, mas também como objeto interrogado.

Pascal havia notado que, à medida que a "*episteme*" avançava paradoxalmente a "*Sophia*" regredia. O método científico, coração do modernismo, se demonstrava segundo Pascal, insuficiente para colher a verdade sobre o homem. No entanto, este homem encantado com as descobertas de suas potencialidades racionais não foi capaz de lançar sobre si mesmo uma auto-crítica.

a. QUANDO A CIÊNCIA VIRA DIVERTIMENTO.

Acreditamos que a partir do que escrevemos até então, resulta claro que o divertimento como alienação de si não se trata apenas de um comportamento do homem simples e ignorante que renunciou à reflexão. O homem de ciência também pode usar seus conhecimentos científicos como divertimento.

Como vimos acima, segundo Pascal o valor mais nobre do pensamento é o de tornar o homem consciente de

si. E aqui, podemos nos referir a uma esfera pessoal onde cada um toma consciência de sua própria existência e de seus limites e, podemos também nos referir a um conhecimento mais generalizado do homem a partir de reflexões filosóficas, ou seja, a reflexão do "EU" subjetivo que não anula a reflexão do "EU" objetivo.

A ciência, no entanto, se torna um divertimento quando esta se ocupa apenas de coisas e não do próprio homem. Aqui é importante lembrar que Pascal era um físico- matemático e, portanto, sabe muito bem o valor do conhecimento das coisas e o quanto é importante para o homem desvendar os segredos da natureza. No entanto, em uma esfera de valores ele privilegia o conhecimento do próprio homem que, para tal não é possível aplicar o método científico aplicado ao conhecimento das coisas materiais. Isto porque o homem não é apenas matéria, uma simples "*res extensa*".

Uma das grandes façanhas do modernismo foi a criação do laboratório. O homem otimista pela descoberta de seu cogito, não mais se contentava em ser um mero expectador diante da natureza. Ele havia perdido aquela paciência própria do pensador que, pacientemente se colocava diante da natureza observando-a esperando que esta lhe revelasse seus segredos. O homem moderno se tornou homem impaciente, perdendo a capacidade de contemplação e assumindo uma postura muito mais agressiva perante a natureza. Ele não mais contemplava a natureza, mas a interrogava a partir de métodos invasivos obrigando a esta lhe revelar seus mistérios. Estamos falando do laboratório. Aqui, o homem cria as condições para que um determinado fenômeno aconteça fora de seu âmbito natural. É o artifício se sobrepondo ao natural.

Bacon em sua obra intitulada "*Novum Organum*", com uma clara intenção de contrapor uma nova ciência àquela que tinha como base a visão de mundo a partir dos clássicos, de forma particular a ciência aristotélica, lança as bases da nova ciência. Agora conhecimento era sinônimo de poder. Um poder manipulador. Assim, empolgado com o método científico, o homem aos poucos foi perdendo interesse sobre as perguntas essências de sua vida e começou a criar respostas práticas às suas necessidades materiais.

Nasce o progresso arrastando consigo o materialismo e, por consequência mais tarde, o utilitarismo. O homem passou a se interessar apenas por aquilo que era útil do ponto de vista material. Ele não se considerava mais um Pelegrino sobre a terra, mas passou a considerar-se cidadão do mundo. Aos poucos ia perdendo a perspectiva de outra realidade e passava gradativamente a acreditar e a aceitar apenas esta realidade.

Assim, o "*homo sapiens*" cedia espaço ao "*homo faber*". Ele não era mais o amigo da sabedoria, mas o detentor do conhecimento. Um conhecimento que se tornava cada vez mais técnico e menos teórico. A ciência que se emancipava diante da filosofia e da teologia, ia se arrogando o direito de ser o grande "*oráculo*" da humanidade, a única capaz de dar respostas satisfatórias aos anseios do homem. O valor da pessoa humana vinha transferido da esfera do *ser* àquela do *fazer*. O "*Lume do Pensamento*" focalizava em direção ao externo abandonando a sua secular missão de se auto-decifrar.

De tal forma, a ciência se propõe de retirar o homem de suas limitações "mas porque esta renunciou a ser a verdade, todo nível de perfeição e de felicidade que esta se proponha em levar ao homem, não poderá ser vivida se não como algo precário" (SEVERINO, 1995, p. 135). Essa precariedade da ciência, citada por Severino, foi pelo fato desta haver se divorciado da filosofia. Mas não de qualquer filosofia, e sim daquela que tinha o homem e a Deus como seus objetos de reflexão mais caros.

Portanto a ciência se torna divertimento quando esta passa a se preocupar não mais com o homem em si, mas sim com o bem estar no mundo. A técnica, "*madre*" do progresso criou uma falsa ilusão no homem prometendo a este uma realização neste mundo. Mas, o fato é que esta técnica que cria tantas coisas não é capaz de criar um verdadeiro sentido à vida do homem. E este já começa a sentir a angústia do "*oblio do ser*".

E o homem, autor e senhor do método da ciência moderna, aos poucos foi-se tornando servo desta mesma ciência. E hoje ele é apenas uma vítima, pois, tornou-se ele mesmo o objeto de seu próprio laboratório.

A crise que se está sedimentando atualmente na discussão antropológica, nasceu deveras do fato de que o homem deixou de ser objeto de sua própria reflexão, para se tornar um mero objeto de sua própria manipulação. A genética atual testemunha esta crise de "*humanidade*".

Hoje a ciência não se interroga mais a respeito do homem, de sua origem e de seu fim. Não se interessa sobre o significado da vida, mas apenas sobre o "*meio de vida*". E a crise de conhecimento a cerca do homem gerou necessariamente uma crise de valor. Esta crise de valor, por sua vez, é matriarca de preconceitos e estranhamentos. O homem é um estranho para o outro homem. Não reconhecer o valor do outro, é desconhecer a essência do outro. E se não somos capazes de conhecer o outro em sua essência, é porque também perdemos a capacidade de nos conhecer. Essa incapacidade de autoconhecimento e conhecimento altrui, é que causa indiferença e preconceitos.

Portanto, uma ciência que não é capaz de contemplar o ser humano em sua totalidade e que não leva este homem a um verdadeiro conhecimento de si que o possibilite resgatar seu real valor e sua dignidade inalienável, é uma ciência anti-humana.

Depois de tantos séculos passados, ainda podemos escutar a voz de Pascal como que um eco na história do pensamento, chamando o homem a retornar à sua verdadeira casa, a saber, a casa da sua consciência. Uma consciência que não se confunde com as idéias claras e distintas de Cartesio, mas nem mesmo se opõe à descoberta do inconsciente freudiano. A consciência em Pascal se trata de um resultado daquela intuição originária de si mesmo. É a capacidade do homem em poder afirmar: "Eu Sou" diante de uma cultura do "Eu tenho".

O racionalismo analítico cartesiano e o cientificismo baconiano, não foram capazes de criar uma ciência adapta a revelar ao homem sua própria essência. Acreditamos que o método dedutivo pascaliano do coração, é suficientemente capaz de fundar uma nova ciência que inspire uma nova e mais autêntica visão a cerca do homem.

c) DA CONSCIÊNCIA DA MISÉRIA À GRANDEZA

O paradoxo "*miséria e grandeza*" que está à base da antropologia pascaliana e que caracteriza a existência humana como tensão, contraste, inquietação, segundo o nosso autor, pode ser vivido de duas formas, a saber, ignorando, fugindo de seu tormento interior e refugiando-se no divertimento, ou tomando consciência de seu estado, graças a capacidade de pensar. Tal consciência faz a grandeza do homem, pois, nos diz Pascal, "o homem é grande porque se reconhece miserável. Uma árvore não se reconhece miserável" (PASCAL, 2000, p. 150).

Somente o homem pode ser, e verdadeiramente o é um ser miserável, pois nenhum outro ser se reconhece como tal. Mas é o próprio fato de haver esta consciência que torna o homem, paradoxalmente, um ser grande superior a todos os outros, já que nenhum outro possui esta capacidade de autoconsciência. "O homem sabe que ele é miserável; portanto ele é miserável porque o é; porém ele é grande por saber" (PASCAL, 2000, p. 172). A sua grandeza, portanto, está na consciência da própria miséria. "Não se é miserável sem sentir-se como tal; uma casa em ruínas não é miserável. De miserável só tem o homem" (PASCAL, 2000, p. 150).

Paralelamente à consciência da própria miséria existe no homem a consciência de sua grandeza. De fato:

Nós não poderíamos ter a consciência de nossas misérias se não tivéssemos ao mesmo tempo, ainda que obscura, a consciência de que somos destinados a uma outra realidade, e se não tivéssemos um leve pressentimento de uma felicidade sem limites da qual somos privados atualmente (M. LECLERC, 1993, p. 66).

"A miséria presente o faz sentir a saudade de uma passada grandeza (SCIACCA, 1989, p. 114)". O homem

não se sentiria mísero se não sentisse de igual forma a nobreza de seu ser. De forma que, “todas estas misérias provam a sua grandeza. São misérias de um grande Senhor; misérias de um rei destronado” (PASCAL, 2000, p. 156).

É a capacidade de pensar que nos dá a consciência de nosso estado de miséria, portanto, é o pensamento que nos faz grande. E é bom recordar que, “na categoria do pensamento, Pascal não se refere somente a razão, mas também ao coração” (MONDIN, 1998, p. 193). De forma que “o pensamento, colhido na unidade de seus “espíritos”, testemunha a grandeza do homem” (SCIACCA, 1989, p. 102).

O homem é grande porque há a consciência da própria miséria, que por sua vez revela a consciência de sua grandeza originária atualmente corrompida, mas não totalmente perdida. A esta grandeza, a este estado de felicidade o homem tende continuamente, de forma que, esta tendência natural do homem à felicidade é também prova de sua grandeza.

Na base pascaliana do homem, existe uma aspiração à verdadeira grandeza, aquela que pode dar ao homem à sua dimensão, a sua mais alta nobreza, ou seja, a sua realeza (...) a própria consciência de nossas misérias é ligada a um instinto que nos eleva; a um sentimento inato de nossa grandeza (È. Leclerc, 1993, p. 175).

O homem, nos diz Pascal, é um dos seres mais frágeis da natureza. E nesta fragilidade se manifesta de uma forma muito visível a sua miséria. Ele não é mais que uma simples cana, mas é uma cana pensante:

O homem não é que um caniço, o mais frágil da natureza. Porém, é um caniço pensante. Não é preciso que o universo inteiro se arme para o esmagar; um vapor, uma gota d’água é suficiente para matá-lo. Mas, ainda que o universo o esmagasse, o homem seria ainda assim mais nobre do que ele a partir do momento que sabe de estar morrendo, e da vantagem que o universo possui sobre ele; o universo no entanto, não há consciência de nada disso (PASCAL, 2000, p. 152).

A imagem da cana revela o quanto o homem é frágil, pequeno, insignificante em confronto com o universo. No entanto, não obstante tudo, ele possui a consciência de seu estado de desvantagem física, e tal consciência, segundo Pascal, faz o homem muito mais nobre, superior ao próprio universo, graças ao seu pensamento. “Com o espaço o universo me compreende e me engole como um ponto. Mas com o pensamento eu o compreendo” (PASCAL, 2000, p. 152).

Esta passagem da consciência da miséria à consciência da grandeza se dá graças a um trabalho de garimpo. O homem para se descobrir tem se tornar garimpeiro da própria alma. E quantos de fato já tiveram a coragem de se olhar no espelho e suportar a própria imagem, decadente, ridícula e patética?

Como diz o ditado: *“Inventa sunt specula ut homo si ipsum nosceret (Os espelhos foram inventados para que o homem conheça a si mesmo)”*.

Garimpar a própria alma é ter a coragem de ver nas próprias mãos a lama de seu interior e procurar nela o tesouro escondido do seu ser. Bastaria um pouco de tempo, e muita coragem, para se olhar no espelho do real e então, perceber seu verdadeiro ser. Quem tiver a coragem de se olhar nos olhos, talvez estremeça diante daquilo que verá. Alguns chegaram até mesmo a quebrar os espelhos, para não verem seus reflexos. Alguns utilizam os espelhos para se maquiarem, e assim tentar enganar a si mesmo, projetando para si uma imagem que não é realmente a sua. Os covardes fogem de seu reflexo, e vivem iludidos, pensam ser felizes, mas temem a todo o momento encontrar um espelho sincero diante de si que os faça ver o que realmente são.

Por outro lado, a coragem de encarar-se já revela uma maturidade psicológica e, portanto, uma capacidade de superação. “Falar e reconhecer minhas fraquezas se tornou a minha maior força” (MONTGOMERY, 1999, p.

27). A grande verdade é que ninguém pode fugir de si mesmo, como reza um antigo ditado latino: “*Se quisquefugitateffugere non potest*”. E assim sendo, concluímos este capítulo dizendo: « *descobres o homem que és e verás que vale a pena viver* ».

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pascal em seu tempo denunciou o grande paradoxo do “*homem moderno*”, homem do “*cogito*”, da autoconsciência que fazia de sua capacidade racional a mola mestra da ciência e de tal forma era homem da subjetividade e, que no entanto, mesmo fazendo de sua subjetividade o ambiente de suas reflexões não foi capaz de se auto-descobrir, de se auto-analisar, ou seja, de habitar essa subjetividade. O homem moderno quis trazer o *universo* para o laboratório subjetivo de sua razão e, para tal, foi necessário sair de si, renunciar, em termos pascaliano, a sua maior dignidade, a saber, pensar a si mesmo, habitar sua intimidade, descobrir-se em sua interioridade.

O homem pós-moderno já não é somente o homem da dúvida, que desconfia de toda e qualquer verdade pré-constituída submetendo-a ao *tribunal da razão*, mas é o homem do desespero, homem do trágico. A tragédia contemporânea está na frustração da impossibilidade de descobrir uma verdade objetiva e assim poder criar um sistema. O sistema era a característica principal do pensamento moderno. A perda de sentido constitui a tragédia contemporânea. O homem que no modernismo teve a pretensão de dominar com sua razão o universo infinito, não foi capaz de dar respostas satisfatórias as questões fundamentais de sua existência. Já não sabe de sua origem, e porque perdeu o referencial divino, se sente perdido sem um fim. A perda de sentidos do homem contemporâneo é o deságio de um homem que quis fundar sua morada definitiva na terra, mas não se sente saciado com que lhe oferece a terra. Um homem que, em linguagem pascaliana, *se sente abandonado em um universo mudo*.

Não havendo encontrado uma resposta ao grande enigma humano, o homem entra em um conflito. A vida perde seu sentido, a felicidade a qual o homem aspira permanece uma pura utopia. Assim, a existência humana é um terrível e angustiante enigma. Eis a tragédia contemporânea. O homem não é mais que um ser destinado para a morte, a vida é um absurdo e na base de uma aparente harmonia cósmica o que existe é o caos; e o próprio homem é constantemente estimulado por uma força instintiva, pulsante e inconsciente. Nada resta ao homem se não entregar-se à mercê do próprio fato. No entanto, essa realidade é desesperadora. Saber que não é mais que um ser destinado a perecer não pode se não causar-lhe uma grande náusea, uma insuportável angústia, um enjôo existencial.

O desespero que o homem prova diante do grande absurdo[2], em linguagem pascaliana, do grande paradoxo que é ele mesmo, o joga em um estado de tragédia existencial por não encontrar um sentido que possa explicar e, portanto, dar significado a sua vida. Diante desta realidade o homem, segundo Pascal, busca no divertimento não uma resposta, mas sim um refúgio[3]. O divertimento se torna uma alternativa para quem teme interrogar-se a respeito do sentido da vida; que não consegue entrar em um processo de autocrítica, de reinterpretação da própria identidade mais profunda e, portanto, prefere enganar-se. E assim, fugindo da própria realidade o homem passa a viver na ilusão de uma falsa realidade, a saber, aquela que ele mesmo cria, alienando-se de seu próprio ser, evitando chamar seu “*Eu*” pelo próprio nome.

Na cidade dos homens o deserto está se alastrando. Em seu coração ele vai percebendo a presença angustiante de um vazio que lhe devora. Ele teme o deserto, a solidão, pois, teme o eco de sua própria existência. O ser teme o não-ser. A consciência teme o nada. O homem teme sua imagem refletida no espelho de sua própria consciência. Assim constatamos um êxodo da consciência de si no homem.

Portanto, paradoxalmente o que se percebe é um homem cada vez mais solitário. E na busca desesperada de fugir desta solidão este homem se entrega à paranóia do consumismo, lançando sobre o materialismo sua esperança de realização.

O horizonte da vida humana se ampliou em um mundo onde a liberdade é apenas possibilidade de escolhas.

Onde a técnica se tornou a grande mestra, a única capaz de dar respostas às necessidades humanas. Os valores são fundamentados à segunda da utilidade prática. O próprio homem se tornou um instrumento dentro do grande sistema, uma peça a mais quase que dispensável dentro da grande máquina social. De tal forma, o olhar do homem está sempre desviado de si mesmo. Ele caminha distraído de si, entretido no mundo, na imagem do mundo que gira à sua frente e o distrai, o diverte com questões fúteis alienando-o de sua própria condição existencial; de se interrogar sobre questões fundamentais como a de sua origem e de seu fim. O homem já não se interroga mais qual é o sentido de sua existência, mas busca dar sentidos vários, banais, parciais, que não respondem nunca de forma satisfatória. De forma que o divertimento expressa uma perda de sentido e uma desesperada busca de significado da própria existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, N. **Storia della filosofia**. La filosofia moderna: dal Rinascimento all'Illuminismo. Torino: UTET, 2003.

Cartesio, R. R. **Meditazioni metafisiche, a cura di Lucia Urbani Ulivi**. Milano: Bompiani, 2001.

Leclerc, È. **Rencontre d'immensités**. Une lecture de Pascal. Paris : Desclée de Brouwer, 1993.

Leclerc, M. **La destinée humaine**. Pour un discernement philosophique. Namur: Culture et Vérité, 1993.

Mondin, B. **Storia della Metafisica**. Bolgona: ESD, 1998, 3.v.

MONTGOMERY, D. **Essere se stessi**: i benefici di una personalità equilibrata. Milano: Paoline, 1999.

Pascal, B. **Pensieri, a cura di Adriano Bausola**. Milano: Bompiani, 2000.

RABUSKE, E. A. **Antropologia Filosófica, um estudo sistemático**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

Sartre, Jean Paul. **La Nausée**. Paris: Gallimard, 1938.

Sciacca. M.F. **Pascal**. Palermo: L'Epos, 1989.

SEVERINO, E. **Essenza del nichilismo**. Milano: Adelphi Edizioni, 1995.

NOTAS

[1] Esta afirmação constituía para Cartesio uma verdade incontestável. Desta todas as outras seriam derivadas. «Assim portanto, após haver pensado bastante, se deve em fim concluir com certeza que esta afirmação: eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, cada vez que as pronuncio ou minha mente as concebe» (Cartesio, 2001. p. 162).

[2] Sartre falava de um absurdo fundamental que era a chave da existência humana. Eis o que afirma: «... eu compreender que havia encontrado a chave da existência, a chave de minhas náuseas, de minha própria vida. De fato compreender que existe um absurdo fundamental à base de tudo» (Sartre, 1938, p. 184).

[3] Encontraremos um correspondente ao conceito de divertimento pascaliano no conceito de *esteta* do qual falará Kierkegaard, bem como no *diletantismo* em Maurice Blondel.

[1] Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma - Itália. É professor da Faculdade Estácio de Sergipe – Fase e da Rede Estadual de Ensino de Sergipe. E-mail: edneymenezes1@hotmail.com

[2] Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe - UFS; Mestre em educação; professora da Universidade Tiradentes- UNIT e da Faculdade Integrada de Sergipe – FISE. E-mail: pet.bs@oi.com

.br

Recebido em: 29/06/2014

Aprovado em: 29/06/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: